

Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Novo Anticlericalismo

GERARDO MELLO MOURÃO

Nestes tempos ecumênicos, quando católicos em todo o mundo proclamam não apenas a política da mão estendida aos marxistas, mas até mesmo a aliança e a calorosa solidariedade com os mais avançados grupos da esquerda militante, quando padres e freiras se filiam na França ao partido de Mitterrae confraternizam com Georges Marchais, quando sacerdotes e até bispos na Itália votam com Berlinguer, é o caso de perguntar-se se o anticlericalismo passou a ser uma coisa irremediavelmente anacrônica.

René Rémond, historiador de reputação na França de hoje, especialmente no campo de estudos da história religiosa, publicou, recentemente, um sólido ensaio sobre o anticlericalismo em seu país, de 1815 até nossos dias. O trabalho, que documenta a vasta crônica anticlerical da França e exuma textos famosos da irreligiosidade do século passado, situa sob nova luz o problema da desconfiança, da hostilidade e do ódio aos clérigos, que é, de certa forma, uma constante do século. Sob essa nova luz, o que se verifica é que, ao contrário do que se poderia supor, o anticlericalismo não floresce apenas na área das esquerdas políticas, mas também da direita. Em nossos dias sobretudo, parece haver um encanizado anticlericalismo de direita, tão violento como foi, em outras partes e em outros tempos, o anticlericalismo da esquerda. E isto porque, na verdade, o anticlericalismo não é uma não-religião, mas uma contra-religião, com raízes profundas, que não se encontram necessariamente à esquerda, como poderiam imaginar os que se impressionam com as enfurecidas campanhas das bandeiras republicanas e liberais do século 18 e do século 19. Mesmo nessa época, porém, processava-se um evidente movimento anticlerical de direita, tanto na França da Restauração, quando o Papa pregou aos católicos a aliança com a República, como em toda parte, inclusive no Brasil, onde o famoso processo de dom Vital foi muito menos o resultado de um conflito com a Maçonaria, do que uma demonstração de força do regalismo, no confronto histórico entre o altar e o trono.

De resto, apesar da excelente e abundante bibliografia sobre este capítulo polêmico de nossa história, que se chamou "Questão Religiosa", incluindo o magnífico trabalho de Antônio Carlos Vilaça, a informação didática dos compêndios escolares continua a situar a querela do bispo de Olinda nas dimensões de um simples conflito confessional com as lojas maçônicas. Pouco antes de morrer, o saudoso jornalista Medeiros Lima conseguiu, a pedido meu, obter um xerox completo do processo de dom Vital, em cujos lances se evidencia, a cada passo, a luta do trono contra o altar. A tal ponto, que parece urgente uma revisão da figura de dom Vital, tradicionalmente apontado como um homem de direita, em oposição à esquerda maçônica. Um reacionário contra o liberalismo revolucionário das Lojas.

Na verdade, o jovem e intrépido bispo de Pernambuco, longe de ser um agente da direita, foi o protagonista e o mártir da perseguição de uma direita anticlerical violenta e implacável. E que negava ao púlpito o direito de plena liberdade religiosa, submetendo-o aos interesses do regalismo e às razões de Estado. É possível que os titulares e representantes da Coroa no processo rumoroso não tivessem consciência cabal do papel que representavam. Não assim o bispo processado, cuja correspondência e cujas anotações no cárcere são uma permanente e firme sustentação da autoridade "in-divinis", que denunciava como ilegítimamente controlada pela autoridade temporal. Nem será fora de propósito lembrar que a direita eclesiástica da época, representada nada menos que pelo internúncio papal no Rio de Janeiro, se encontrava em

oposição ao bispo de Pernambuco. E foi graças a essa mesma direita que se deu curso à gestão astuciosa e incorreta do Barão de Penedo junto à Santa Sé.

Essas ligeiras observações sobre o processo de dom Vital vêm ao caso apenas para confirmar a tese de que o anticlericalismo, ontem como hoje, não é um privilégio odioso da esquerda, mas também uma frequente postura da direita. Ainda recentemente, o clero francês ouviu a apóstrofe violenta do almirante Joybert contra as condenações dos padres à arma nuclear: "Messieurs de la prêtrise, mêlez-vous de vos oignons". No Equador, ainda agora, em nome da ordem, isto é, da direita, os bispos e os padres foram presos e expulsos do país, por ocasião de um pacífico simpósio de assuntos pastorais. Também em nome da direita, alguns desses expulsos, ao desembarcarem no Chile, foram agredidos, com escândalo tão clamoroso, que a Igreja de Santiago não vacilou em fulminar coma pena de excomunhão os algozes de seus bispos.

O que parece claro, porém, é que a Igreja de nossos dias tomou consciência de que o anticlericalismo tanto a pode golpear da esquerda como da direita. E ultimamente, muito mais da direita. No século passado, era a esquerda que clamava nas ruas a famosa "Marseillaise anticlericale" de Léo Taxil, contra a presença dos padres nos comícios eleitorais: "Aux urnes, citoyens, contre les cléricaux — votons, votons, et que nos voix dispersent les corbeaux". Hoje, o estabelecimento da direita é que parece posto em xeque pelos padres e bispos na batalha eleitoral. Pelo menos, é o que nos sugerem documentos que vêm sendo divulgados aos milhões em todas as dioceses, como o "ABC das Eleições", promoção pastoral dos bispos do Ceará, e que é um "esclarecimento ao povo de Deus", apresentado pelo Cardeal Lorscheider, para orientar os cristãos no exercício do voto, numa mobilização de opinião sem precedentes, com vistas, desde logo, às próximas eleições municipais.

— "Todos os cidadãos — diz o Cardeal de Fortaleza em sua apresentação do manifesto — têm o direito e o dever de votar com liberdade para promover o bem comum. Os fiéis cristãos devem tomar consciência da vocação particular e própria que possuem na comunidade política. Em virtude desta vocação estão obrigados a dar exemplo de sentido de responsabilidade e de serviço ao bem comum. O votar, e o votar **corretamente**, dentro das normas da lei eleitoral, é tão importante como o rezar. A oração sem o cumprimento dos deveres de cidadão desagrada ao Senhor, perdendo o seu sentido." E concluiu: — "A educação cívica e política do nosso povo, muito particularmente da juventude, é necessária para que todos possam cumprir, com a maior perfeição, a própria tarefa na comunidade política. A política é também um **serviço cristão**, e um **serviço fraterno indispensável**."

A pequena cartilha cearense, adaptada, aliás, de trabalho original do arcebispo de Natal, é uma verdadeira propedêutica para a ação do eleitorado contra o estabelecimento. "Um partido — ensina ela — não pode utilizar os serviços e os bens da Prefeitura ou do Estado como se fossem seus". E vêm os exemplos: os empregos públicos, os transportes, a escola, as bolsas de estudo, a LBA, o Funrural, a Coletoria Federal, as Agências de Rendas do Estado, as Delegacias de Polícia, e assim por diante. Estão formados nas paróquias grupos de pessoas, para o debate diário das instruções do livrinho, sob a monitoria de um dirigente. Não sei se esta cartilha eleitoral não vai provocar um novo tipo de anticlericalismo. Vamos ver em que dá.